

O Diário de Meu Inimigo

Capítulo 1

Quando o sol não dava trégua, as praias lotavam e músicas como as de Jorge Ben começavam a tocar mais alto, era sinal de que mais um verão carioca chegava. Para a juventude do Rio de Janeiro, essa era uma época mágica, pois coincidia com as férias escolares; faltavam apenas duas semanas para o fim do ano letivo.

No colégio de Ester, não era diferente. Para a alegria de muitos e tristeza de poucos, os boletins foram entregues naquele dia, e um clima de festa se espalhava entre os alunos. O Colégio São Mateus, em Copacabana — um dos mais tradicionais do Rio de Janeiro, com um currículo invejável, responsável por aprovar noventa e cinco por cento de seus alunos em universidades federais — era um prédio longo e horizontal, de

cinco andares, revestido por azulejos com temas portugueses e coroado por um terraço que acompanhava quase toda a sua silhueta.

Agora, porém, já não fervilhava como minutos antes. A maioria dos pais havia buscado os filhos; poucos alunos aguardavam os atrasados. No caso de Ester, o atraso da mãe era esperado. Ana Luíza trabalhava como técnica de laboratório e quase sempre saía com pelo menos quarenta e cinco minutos de atraso, devido às avaliações cuidadosas dos exames médicos periódicos realizados nos alunos da escola.

Era um colégio caríssimo. Em condições normais, Ana Luíza não teria como pagar a mensalidade, mas, como funcionária, recebera uma bolsa de estudos para a filha. Estava feliz com o emprego. Gostava do ambiente e, sobretudo, do fato de que Ester teria acesso a uma

educação de excelência — um passaporte para um futuro melhor.

Ana Luíza lembrava-se da imagem refletida no espelho naquela manhã.

Tinha quarenta anos, mas parecia mais velha. Estava muito acima do peso. Já fora uma mulher bonita, mas, na luta diária para criar a filha e cuidar do marido, um imigrante espanhol doente até sua morte, a vaidade ficara em segundo plano. Não queria esse destino para Ester.

Educação e preparo eram a chave para abrir portas que lhe haviam sido negadas.

Mas o lar também educa. E, no caso de Ester

— filha única, sem pai — sua família era a mãe. Agora, na adolescência, tornava-se cada vez mais difícil impor limites. As brigas entre as duas banalizavam-se. Ana Luíza tentava exercer, sozinha, a autoridade de pai e mãe. Quando achava que havia conseguido enquadrar a filha,

surgia uma nova surpresa. Ester não era fácil.

A dificuldade do momento era História — uma disciplina que exigia constância, tempo e memória.

Ester desobedeceu mais uma vez.

Atravessou a rua em direção ao terreno murado em frente à escola. Lembrou-se de quando começara no colégio, ainda no primário. Ficara encantada com as instalações, o auditório das peças amadoras, as quadras sempre cheias. Era um sonho. Mas logo percebeu que não era a

“princesinha do papai”. Era a única menina mulata e pobre entre filhos da classe média alta.

Os apelidos cruéis surgiam nos momentos de conflito infantil. “Boneca de piche”, lembrou.

Ainda assim, Ester se transformava em uma bela mulher. Tinha seu primeiro namorado: Roberto, seu “menino do Rio”. Bronzeado, corpo moldado pelo

surfe, cabelos castanhos claros
queimados de sol, e uma timidez que a
encantava.

Atrás do muro do terreno baldio,
trocaram um beijo longo. Depois,
silêncio. Ele
acariciou-lhe o rosto, desceu pelo queixo
até o pescoço. Ela se arrepiou.

(Ele sempre mexe comigo), pensou.

— Sua mãe chegou, Ester. Dá para ver
daqui. Ela se virou.

— Tenho que ir. Mais um beijo.

— Me liga.

Ester fez o gesto de discar enquanto
corria para o carro. Estava ansiosa para
mostrar a nota em História. Temia a
recuperação. A mãe
fora clara: se isso acontecesse, as coisas
mudariam em casa.

Ana Luíza já a observava atravessar a
rua.

(Ela não tem jeito mesmo), pensou.

Ester entrou no carro sorrindo, atirou o
boletim no colo da mãe.

— Aqui está, Ana Luíza. Meu boletim.
A mãe abriu direto na coluna de História:
sete e meio. Exatamente o necessário.

— Ufa... bateu na trave.

Quando iam sair, um aluno aproximou-se da janela do motorista.

— A senhora queria falar comigo, dona Ana Luíza?

Ela notou o sorriso trocado entre os dois.

— Hoje não, filho. Amanhã passe no laboratório antes da aula. É importante.

— Sim, senhora.

Antes de ligar o carro, Ana Luíza perguntou:

— Você conhece aquele rapaz?

— Ele estuda na minha sala.

— Parecia interessado em você.

Senhora Ana Luíza, todos os homens daquela sala estão interessados em mim.

Ana Luíza pensou no que realmente a preocupava: não era apenas a beleza da filha, mas o dom natural da sedução. Um perigo silencioso.

Fitou Ester.

— Quero que fique longe daquele rapaz. Promete?

— Eu nem sei o nome dele...

— O nome dele é Felipe. Ana Luíza respirou fundo.

— Você já ouviu falar em uma doença nova chamada AIDS?

Ester sorriu com desdém. Claro que sim. Uma doença mortal, que se pegava quando se era gay.

Então ouviu a sentença:

— Ele tem AIDS.

Mais tarde, em casa — um sobrado de dois andares na Tijuca — Ana Luíza subiu ao quarto da filha, no segundo andar. Decidira explicar o que era a AIDS. O comentário de Ester sobre gays a incomodara. Sabia que a filha não era preconceituosa, longe disso, mas ficara claro o quanto conhecia pouco sobre a doença — e aquele era um mal que havia chegado para ficar. A melhor prevenção

contra aquele horror era o
esclarecimento, o conhecimento.

Ao entrar no quarto, Ana Luíza percebeu como a transformação da decoração acompanhava as mudanças da própria filha. No lugar das bonecas espalhadas, havia pôsteres de artistas nas paredes e, ao lado da escrivaninha, uma vitrola com uma coleção de discos organizados com cuidado. Ester olhou alegremente para a mãe.

— O que foi, dona Ana Luíza?

A mãe explicou o que era a doença, como se transmitia e que ainda não havia tratamento. Por ser um vírus, provavelmente muito tempo se passaria até que se encontrasse uma cura. A melhor tática, por ora, era a prevenção. Ester ouviu tudo com atenção, lembrando-se do colega de sala.

— Mãe, e se ele tiver tido relação sexual com algum aluno ou aluna do colégio? A lógica da filha era irrefutável. Ana Luíza respondeu:

— Nós estamos com a bateria de exames anuais de todos os alunos. Por enquanto, só encontramos o bichinho nele. Se Deus quiser...

— Ele sabe?

Ana Luíza suspirou.

— Ainda não.

— Você vai contar para ele amanhã?

— Não, filha. Primeiro faremos a contraprova. Confirmada a doença, a psicóloga do colégio chamará os pais.

— Pode ter acontecido um erro no exame, não é?

Ana Luíza olhou para a filha com ternura. A preocupação de Ester com o colega era genuína. Seus olhos estavam tristes.

— Provavelmente não.

Ana Luíza decidiu que a filha não iria à escola no dia seguinte, uma sexta-feira.

Queria evitar o contato dela com o rapaz

— não por causa da AIDS, pois sabia que o contágio ocorria

pelo sangue, mas para proteger ambos de qualquer gesto ou sinal involuntário que pudesse denunciar a doença a ele. Era fundamental que tudo permanecesse em segredo até que os pais estivessem preparados, devendo ser informados antes do próprio filho, sob a supervisão de uma psicóloga.

Ana Luíza sabia que seu emprego na escola correria sério risco se a notícia vazasse antes de todas as providências possíveis para amenizar aquela tragédia. Apenas ela, a psicóloga e o diretor tinham conhecimento do fato, e a ordem era clara: absoluto sigilo até que os pais fossem devidamente preparados. Agora, Ester também sabia. De qualquer forma, na segunda-feira tudo estaria resolvido.

— Ester, não conte isso para ninguém, principalmente de hoje até terça-feira. Entendeu?

— Nossa, mãe, claro que não. Eu juro. Ester pensou em seu namorado, Roberto. Não deveria haver segredos entre eles.

Na tarde de sexta-feira, o telefone tocou na hora combinada, e Ester correu para atender.

— Oi, Ester.

— Oi, Roberto.

— Por que você não me chama de “Beto”?

— Nunca vi ninguém te chamar assim.

— É só para pessoas especiais para mim, Ester.

Ela ficou feliz. Ele continuou:

— Eu estava pensando... queria te buscar para vermos um filme juntos lá em casa. Quero te apresentar aos meus pais.

— Que filme?

Ester perguntou, mas mal se interessou pela resposta. Estava eufórica com a ideia de ser apresentada aos pais dele.

Aquilo era a oficialização do namoro. Já passava da hora. Sabia que escondia o relacionamento da mãe havia tempo demais.

- Tem vários. Você escolhe.
- Eu gosto de filme policial.
- Eu te pego onde te deixei semana passada.

Ester foi até a sala, onde a mãe assistia concentrada a uma novela na televisão. Seria a última vez que mentiria sobre seus encontros com Roberto. Agora o namoro seria oficial; aquilo provava que as intenções dele eram boas.

— Mãe, hoje é sexta-feira. Eram minhas amigas do clube no telefone, me chamando. Posso ir?

Ana Luíza mal esperou a filha terminar. Absorvida pela novela, fez um gesto afirmativo com a mão. Ester correu para

o

quarto e, ao se vestir, escolheu a blusa vermelha que comprara pensando nele. Ao sair, ainda ouviu a mãe gritar da sala:

— Ester! Até às onze horas!

Na segunda-feira, Ana Luíza se preparou para a missão mais difícil de sua vida profissional. Na escola, pensava em toda a situação de forma dispersa. Olhava pela porta aberta para o confortável jardim de inverno que ficava na lateral direita do laboratório — uma visão agradável que sempre lhe dava a sensação de estar em um porto seguro. Naquele dia, porém, talvez enfrentasse o momento mais difícil de sua trajetória no colégio.

Ela fora à igreja bem cedo. Rezara pelo rapaz. Pedira um milagre. Rezara pelos pais. Tudo aquilo era profundamente trágico. Para agravar a situação, o pai dele era um pastor presbiteriano. Como ele e a esposa reagiriam à doença do filho? Como contariam a ele? Que tipo de mágica uma psicóloga poderia tirar da cartola para amenizar algo tão devastador?

No colégio, Ana Luíza aguardou Felipe em seu consultório, como combinado, mas ele não apareceu.

(O que terá acontecido?), pensou, apreensiva. Dirigiu-se imediatamente ao escritório do diretor para comunicar o fato. Talvez fosse melhor falar com os pais naquele mesmo dia e, depois, solicitar a contraprova. Ao entrar na sala do diretor Elias — um homem grande e bondoso, a quem aprendera a admirar e obedecer rigorosamente ao longo dos nove anos em que trabalhava na instituição — percebeu que ele estava acompanhado de Marlene, a psicóloga da escola, uma senhora com doutorado pela Universidade de Princeton. Apenas o melhor para os alunos daquele colégio. Ana Luíza informou a ausência de Felipe e expôs sua opinião sobre a urgência de comunicar os pais. Ouviu, então, um lacônico:

Agora é tarde. Assustada, perguntou:

— Como assim?

Hoje, apenas quatro alunos apareceram na sala de aula de Felipe, incluindo ele.

O tom professoral do diretor fez Ana Luíza gelar. Ele prosseguiu:

— Uma das mães ficou sabendo do caso na sexta-feira à noite e ligou para outras mães. E assim por diante. Elas marcaram uma reunião com a diretoria hoje à tarde. Seus filhos não voltarão às aulas até que tudo sobre a doença esteja esclarecido.

Ao que parece, a origem do vazamento foi sua filha.

O chão pareceu desaparecer sob os pés de Ana Luíza.

— Ester? Não pode ser...

Atônita, percebeu que seu emprego corria sério perigo.

(Mas Ester? Não tem como. Ela nem veio à aula na segunda-feira. Não teve contato com nenhum aluno do colégio), pensou.

O diretor continuou:

Quando Felipe chegou à sala, uma das três alunas presentes aproximou-se e

disse que sua mãe não queria que ela estivesse ali, mas que seu pai, médico, explicara que AIDS não se pega pelo ar, e sim pelo sangue. Em seguida, ela perguntou se ele era homossexual. Felipe se levantou e foi embora. Os pais dele estão aqui, na sala ao lado.

Completamente perplexa, Ana Luíza perguntou:

— Eu posso ajudar?

— Com os pais dele aqui, não. Melhor você ir para casa. Amanhã eu te ligo.

Verifique se Ester esteve sozinha, na sexta-feira à noite, com algum colega do colégio.

Ana Luíza arregalou os olhos.

(Ester saiu sexta à noite. Disse que foi ao clube com amigas que não têm nada a ver com a escola), pensou.

Reuniu forças para falar:

— Padre Elias, não acredito que isso tenha relação com minha filha. Mas, se eu for responsável pelo vazamento, isso é

imperdoável. Se confirmar que Ester divulgou a informação, peço demissão. A voz saiu embargada. Ana Luíza não podia perder aquele emprego. Ainda nutria a esperança de que o velho diretor e amigo contemporizasse, de que dissesse que, apesar de tudo, uma medida tão drástica não seria necessária. — Não é tão simples assim, Ana Luíza... Ele explicou que o menino havia desaparecido e ainda não fora encontrado. Seus pais estavam na sala ao lado e já haviam sido informados sobre a doença. Depois de uma cena melancólica, marcada pelo sofrimento indescritível dos pais, a situação degenerou em acusações de negligência contra o colégio pelo vazamento da informação sem o devido preparo do aluno. A discussão terminou com a promessa de um processo por danos morais ou qualquer que fosse o nome jurídico aplicável.

Independentemente disso, a mãe, advogada, exigiu a demissão por justa causa da funcionária relapsa e incompetente que vazara a informação. Ana Luíza compreendeu que aquela mancha em seu currículo poderia ser tão fatal para sua carreira quanto a doença era mortal para o pobre rapaz.

De repente, sem aviso, a mãe de Felipe entrou na sala do diretor. Um silêncio constrangedor tomou o ambiente. Padre Elias ficou sem reação, enquanto ela encarava Ana Luíza. A mulher disse apenas:

— Sinto muito. E saiu.

Mesmo assim, Ana Luíza ainda tinha esperança. Acreditava que a filha não tivesse qualquer envolvimento.

(Preciso falar urgentemente com Ester. Ester, não... não pode ser.)

O pavor a dominou — pelo futuro da filha, pelo seu próprio e pela ameaça concreta de perder o emprego, manchada por uma demissão por justa causa

Ester acordou em seu quarto. Tivera um pesadelo. Sentia-se humilhada, indefesa, incapaz de reagir. A campainha tocou: era sua tia Cris e a prima Rosinha, da mesma idade que ela. As duas foram para o quarto colocar a conversa em dia, enquanto a tia preparava algo na cozinha. As primas eram amigas desde a infância, lá em Padre Miguel — uma amizade íntima, sem segredos.

— Então? Como é que você está com o bonitão? — perguntou Rosinha, escancarando a boca num sorriso.

— Acabou.

Ester olhou séria para a prima. Havia ódio em seus olhos.

Sexta à noite eu disse à minha mãe que ia ao clube encontrar algumas amigas.

Continuou, enquanto Rosinha escutava atentamente:

— Era mentira. Ele estava me esperando numa esquina, a duas quadras, dentro do

carro dele. Se minha mãe descobre, ela me mata.

— E aí? — perguntou Rosinha, curiosa.

— Ele me tratou como uma puta. Nunca mais quero vê-lo! Aquele babaca...

Rosinha percebeu o ressentimento na voz da prima. Ficou triste. Aquela não era a Ester alegre que conhecia. Havia ali decepção e revolta.

Nesse momento, Cris bateu à porta do quarto. Era Ana Luíza no telefone; queria falar com Ester. Na sala, Ester atendeu. Do outro lado da linha, percebeu a voz da mãe, tensa, ansiosa:

— Ester, quero que você responda com muita atenção à minha pergunta, porque só vou fazê-la uma vez: você contou a alguém sobre aquilo que conversamos ontem? Sobre o aluno que muito provavelmente está com AIDS?

— Ester paralisou.

(E agora? Como vou dizer que contei para o Roberto? E que contei a um rapaz que ela não

conhecia, enquanto mentia sobre onde estava?)

— Ester!

A urgência na voz de Ana Luíza era inconfundível.

— Conte...

A mãe desligou.

Dez minutos depois, outro telefonema.

Ester atendeu. Uma voz autoritária surgiu do outro lado da linha:

— Ester, aqui é Kátia, mãe de Roberto.

Ligo em nome de várias mães do Colégio São Mateus. Fique longe do meu filho e de qualquer aluno da escola. Se a encontrarmos rondando por aqui, estamos prontas para lhe dar uma lição que você nunca mais vai esquecer. É só isso. Tenha um bom dia.

Ester deixou o telefone cair no gancho.

Ficou travada. Aquela era a segunda vez, desde sexta-feira, que se sentia profundamente humilhada. A segunda vez que era tratada como lixo. A perplexidade cedeu lugar a um ódio

profundo, agravado pelo fato de não poder fazer nada. Estava paralisada. Não conseguia raciocinar.

Vinte minutos depois, Ana Luíza chegou à casa, um sobrado na Tijuca. Quando Cris abriu a porta, percebeu de imediato que algo estava errado. Ana Luíza parecia exausta, abatida. Os olhos inchados, como se tivesse chorado. Algo grave havia acontecido.

Cris, me desculpe. Sei que a viagem de Padre Miguel até a Tijuca é longa, mas preciso ficar a sós com Ester. É muito importante.

— Mas o que aconteceu, Ana Luíza?
Assim você me deixa preocupada.
Nada... não se preocupe. Depois eu te conto, por favor.

Cris não insistiu. Chamou a filha. Para tristeza de Rosinha, informou que iriam embora.

Pedi que se despedisse da prima e da tia. Ester apareceu na sala, queria saber por que iam embora, mas, no fundo, já

sabia. Cris apressou a filha, e as duas se foram.

Ana Luíza mal esperou a porta se fechar. Ester, venha aqui.

Apontou para um ponto no chão, a cerca de meio metro dela. Ester estava nervosa, ansiosa, com medo. Aproximou-se pouco.

ESTER, VENHA AQUI!

O grito atingiu-a como uma explosão. Ela obedeceu e parou exatamente onde a mãe indicara. Nunca a vira daquele jeito.

— O que aconteceu? Para quem você contou? A voz de Ana Luíza estava estranhamente calma — como a brisa que antecede uma tempestade. Ester balbuciou:

— Conte para o Roberto.

As duas se encararam. Uma com medo; a outra com um olhar que Ester jamais conhecera.

— Quem é Roberto?

— Meu namorado.

Era mentira. Agora ela sabia. Ana Luíza continuava calma:

— Quando?

— Sexta à noite.

— Sexta à noite, quando? Ester baixou os olhos.

— Olhe para mim. Quando?

— Quando disse que ia ao clube ver minhas amigas.

E para onde você foi? O pânico crescia.

— Eu estava na casa dele.

— Sozinhos?

Ester não respondeu.

O tapa veio seco. Uma bofetada que a fez girar o rosto. Uma marca que jamais esqueceria.

O erro foi meu — disse Ana Luíza. — Eu não devia ter contado a você. Pensei que tivesse caráter. Descobri que, além de fofoqueira e linguaruda, você não passa de uma moleca mentirosa, com um namorado que não conheço, que mente sobre onde vai para ficar se esfregando por aí.

A bofetada ainda ecoava. Ester estava entorpecida. As palavras da mãe doíam mais que o golpe.

— Vá para o seu quarto agora. Nenhuma palavra. Não saia de lá. Amanhã explicarei as consequências do seu ato vergonhoso.

Chorando, Ester foi para o quarto. Sentia um ódio amargo — pela bofetada, por Roberto, pelo telefonema daquela mulher, pela mãe, por tudo.

(Elas me chamaram de puta.)

Pensou.

(Seu tapa não doeu, filha da puta.)

Quase disse em voz alta.

Na terça-feira, Ana Luíza foi bem cedo ao Colégio São Mateus. Antes mesmo de chegar ao prédio, uma tristeza que só um adeus definitivo é capaz de produzir já tomava conta dela. Entrou furtivamente pela garagem; não tinha condições de encarar colegas de trabalho com quem

convivera por mais de oito anos diante daquela saída desonrosa.

Agora, recolhendo suas coisas na sala em que trabalhara por tanto tempo, com dedicação absoluta a uma instituição que fora para ela muito mais do que um emprego, uma lágrima escorreu-lhe dos olhos. Despediu-se silenciosamente da escola e foi embora.

Antes de entrar em casa, caminhou devagar pela rua em que morava, no bairro da Tijuca. Na verdade, era uma travessa — uma pequena rua sem saída que se assemelhava a uma vila: segura, tranquila, confortável. Do início ao fim, os sobrados geminados eram praticamente idênticos, inclusive o seu, conferindo ao lugar um ar acolhedor.

Agora, tudo aquilo havia acabado.

Ana Luíza era uma mulher prática. Já fizera as contas mentalmente. Teria de entregar o imóvel à imobiliária imediatamente; não havia mais como arcar com o aluguel. Voltaria para o

apartamento herdado da mãe, em um conjunto residencial em Padre Miguel.

Sem a

bolsa de estudos, Ester também daria adeus à excelente educação do Colégio São Mateus.

De qualquer forma, depois de tudo o que acontecera, talvez fosse melhor assim.

(Amanhã mesmo começo a procurar emprego), pensou.

Ao chegar em casa, o telefone tocou. Era um colega da escola, queria falar com Ester. Ana Luíza subiu até o quarto da filha, bateu de leve na porta. Nenhuma resposta.

Ester, telefone para você. É um aluno do colégio.

Esperou alguns segundos. Nada. Abriu a porta lentamente. Ester dormia. Não era comum que dormisse àquela hora da tarde, mas a segunda-feira fora terrível para ambas. Quase não haviam dormido. Ana Luíza observou a filha, que se transformava em uma bela mulher:

cabelos negros, encaracolados, anelados; olhos negros como azeitonas, herdados da mãe; o nariz arrebitado e as feições hispânicas herdadas do pai. Ainda assim, por trás daquela mulher em formação, ela sabia que Ester continuava sendo uma criança. Tinha muito a aprender. Lembrou-se das duas rolando no chão, rindo, enquanto ela mordiscava a barriguinha da filha, que gritava de felicidade. Acariciou com cuidado os cabelos encaracolados, para não acordá-la.

(Será que um dia ela vai me perdoar pelo tapa? Pelas ofensas?)

Ana Luíza chorou em silêncio. Não queria acordar a filha. Tinha medo — do futuro, da vida, do que ainda viria. Tudo parecia tão organizado até então: o emprego, a educação da filha, a rotina.

Ester não dormia. Apenas virou-se para a parede, fingindo. Não queria ver a mãe.

Não queria falar com ninguém do colégio. A escola acabara para ela. Então ouviu o choro baixo.

Ali, ouvindo a mãe chorar, Ester fez uma promessa silenciosa:

Nunca mais vou contar um segredo.

Assim que Ana Luíza desceu, voltou ao telefone e informou ao aluno que Ester não podia atender naquele momento.

Durante quase três anos, ninguém mais do Colégio ligou para aquela casa.

Capítulo 2

A mão que levanta

Depois que se mudou para Padre Miguel, já no início das férias, Ester percebeu o tamanho do erro que cometera naquela noite em que mentiu sobre para onde ia. Ana Luíza não conseguia mais emprego. Agora, fazia marmitas com Cris, em Padre Miguel. Ester ajudava na entrega das refeições e

estudava à noite. Não recebeu sequer um telefonema de suas antigas amigas da escola.

O último telefonema que recebera fora de um aluno que mal conhecia — e que ela não atendeu porque fingia dormir, ainda quando moravam na Tijuca.

Logo no primeiro ano em Padre Miguel, ficou claro para Ana Luíza que o futuro de Ester não seria mais tão brilhante quanto fora no Colégio São Mateus.

Agora, estava profundamente preocupada com a filha: Ester andava com pessoas nada recomendáveis.

(A menina não me obedece), pensou Ana Luíza. Ester estava terminando um segundo grau sofrível em uma escola pública do bairro. Não tinha qualquer condição de passar em um vestibular para universidades federais ou estaduais gratuitas. Ana Luíza também não podia pagar uma faculdade particular. Precisava ser realista. Teria uma conversa definitiva com a filha.

Numa manhã de domingo, enquanto Ester tomava café, ela a chamou para essa conversa:

— Ester, o que você pretende fazer agora que o seu segundo grau vai terminar?

— Vou tentar uma faculdade... — respondeu Ester, sem entusiasmo.

— Ótimo. Já escolheu o curso?

— Já. Vou fazer Letras.

— Mas não era Administração?

Ester ficou calada. Ana Luíza suspirou.

— Acho que é hora de procurarmos um emprego para você, Ester.

Dois dias depois, alguém da antiga turma do Colégio São Mateus finalmente ligou para Ester. Era Clarice — uma loira alta, magra, filhinha de papai rico, que Ester sempre considerara pedante. Seus santos não batiam. Clarice era a única aluna da antiga sala por quem Ester nutria uma antipatia oculta, e ela tinha certeza de que o sentimento era mútuo.

— Boa tarde, é Ester quem fala? Aqui é Clarice, lembra-se de mim? Do Colégio São Mateus?

A voz de dama perguntou do outro lado da linha.

— Claro, eu me lembro de você, Clarice. Apesar da surpresa, Ester respondeu com frieza.

Ester, os alunos do segundo grau do Colégio São Mateus, da sala em que você estudou no primeiro ano, vão dar uma festa de despedida. Fiquei encarregada de convidar os ex-alunos. Vai ser no Bar Amarelinho, na esquina do colégio, sábado, às 19h. Você lembra onde fica? Seria ótimo contar com a sua presença para comemorarmos juntos.

Ester deu uma resposta evasiva — disse que dependia, que talvez fosse. Mas, um dia antes do encontro, resolveu ir.

(Por que não?)

Ela havia estudado mais de cinco anos naquele colégio: todo o primeiro grau e parte do segundo. Poderia passar uma

noite agradável com os antigos colegas. Não era rica como eles, mas sempre fora muito popular na escola e tinha plena consciência de que agora era uma bela mulher.

Queria mostrar ao mundo — e talvez a si mesma — que estava viva, que tinha dado a volta por cima.

No dia da festa, Ester não se vestiu de maneira exagerada. Apenas ajeitou o cabelo; afinal, não ia a uma entrega do Oscar — queria apenas relembrar os bons tempos.

Preferiu ir de ônibus a aceitar a carona daquela anta do Caíque, que se atrevera a tentar transar com ela, na semana passada, naquela caixa de fósforos que ele chamava de carro.

Logo que chegou, Ester percebeu que não haveria abraços calorosos de amigos que não se veem há muito tempo. Sua amiga “íntima”, que nunca mais lhe telefonara depois que saiu do colégio,

apenas acenou de longe. Ester sentou-se à imensa mesa preparada para os alunos, ao lado de desconhecidos que haviam entrado no colégio após sua saída.

Nada deu certo naquela noite.

Praticamente ninguém conversou com Ester ou lhe fez companhia. Quase três anos são uma eternidade para adolescentes, e agora ela era uma estranha no ninho.

Antes que a turma começasse a se retirar em seus automóveis novos, em direção ao futuro ali tão festejado, Ester já preparava sua saída à francesa, rumo ao ponto de ônibus. A gota d'água foi quando Roberto chegou à festa, acompanhado da namorada surfista.

Entrou no bar de mãos dadas com ela, nem chegou a se sentar: cumprimentou alguns amigos e foi embora. Não a viu.

No ponto de ônibus, Ester desejava que o coletivo que a levaria até a Central do Brasil chegasse logo. Foi quando um raio cortou a noite, seguido de um estrondo

que anunciava uma chuva pesada.
Pensou no que mais poderia dar errado naquela noite.

Um carro parou em frente a ela.
Ester, eu te levo em casa. Era Clarice.
Antes que Ester dissesse qualquer palavra, uma chuva grossa começou a desabar. Sem pensar duas vezes, entrou no carro.

— Clarice, obrigada. Você pode me deixar na Central do Brasil?

Clarice sorriu.

— Claro. Você salvou a minha noite.
Ninguém que convidei veio à festa, só você. Acho que não sou muito popular.

— Cadê seu namorado? — perguntou Ester, retribuindo o sorriso. *Clarice não era tão ruim assim*, pensou.

Namorada. Ela não vem a eventos como este. Não se sente bem nessas festas, por motivos óbvios.

Depois de falar, Clarice fixou os olhos em Ester, observando sua reação. Por um instante, Ester se surpreendeu.

— E o seu namorado? — perguntou Clarice.

— Aquela mala eu deixei em casa. As duas riram.

Quando já se aproximavam do centro da cidade, ainda chovia forte. Clarice, sob os protestos de Ester, ignorou a Central do Brasil e seguiu direto para Padre Miguel.

— Eu já fui a Campo Grande. É caminho, não é? — perguntou, em tom professoral.

As duas conversaram animadamente.

Quem diria? A única pessoa de quem Ester se

lembraria com carinho daquela turma era Clarice.

Ao chegarem, Clarice puxou um cartão de visitas do bolso.

Que tal trabalhar para o meu tio? O salário é bom. Se você quiser, eu te coloco lá. Sou a única sobrinha dele.

Posso pedir para ele te dar uma chance.

Ele faz tudo o que eu peço. Você lembra a falecida esposa dele.

No cartão de visitas lia-se:

“Júlio Romano — Diretor-Presidente da A.M.C.”

Ester lembrou-se do que aprendera sobre Shakespeare no colégio, de uma frase que nunca esquecera:

“Quando você está no chão, a mão que o ajuda a levantar é sempre aquela que você menos espera.”

— Não vou negar. Estou precisando muito, Clarice. Qual é a atividade da empresa do seu tio?

— É uma agência de marketing das mais prestigiadas do Brasil. A Agência Mais Criativa.

Os olhos de Ester brilharam. A agência era nacionalmente conhecida.

— Obrigada, Clarice. Só isso já valeu muito mais do que a noite com os colegas do Colégio São Mateus.

PARTE 2

Sete anos depois — 1994 Rio de Janeiro

GALHO SECO

Capítulo 3

Com vinte e cinco anos, Ester chegou ao seu local de trabalho, no décimo andar do edifício Domínios, bem no coração da Avenida Rio Branco, cinco minutos atrasada. Mesmo sabendo que a Agência de Marketing Mais Criativa não era intolerante com atrasos, estava irritada consigo mesma: a pontualidade sempre fora uma marca sua.

Nunca se atrasava. Agora, aquela nota vermelha ficaria registrada para sempre em seu cartão de ponto.

A agência ocupava o andar inteiro. Ester observou o amplo salão, com piso de granito intercalado com tábua corrida. Dezenas de mesas de vidro, cada uma com seu computador, alinhavam-se ao longo do espaço, conferindo ao conjunto um aspecto competitivo e moderno. Sua mesa ficava junto à janela que ocupava praticamente todo o lado direito do salão, com vista para a Avenida Rio Branco, exatamente em frente à sala vazia do presidente da agência, logo no

início do andar. Ao lado dela, ficava a sala do outro sócio, Michel.

Além dessas duas salas, havia, no fundo do salão, uma ampla sala de vidro com uma mesa de reunião de granito enorme, cercada por vários computadores que serviam de centro de criação. Ali aconteciam as tempestades de ideias, onde nasciam os conceitos das peças de marketing. Era o centro nervoso da empresa, uma das áreas de marketing mais respeitadas do país.

Ester nunca havia trabalhado em outro lugar. Começara ali como estagiária, aos dezoito anos, e trabalhara duro. Com apenas vinte e dois, tornara-se secretária executiva do próprio diretor-presidente da agência, o falecido senhor Romano.

Ester amava aquele lugar. Mas, acima de tudo, havia ele: Michel, o outro sócio da empresa, por quem nutria uma paixão quase adolescente. Michel era tudo para ela. Lindo, alto, com uma elegância natural que cativava as pessoas.

Educado, gentil a toda prova, era agora quem dirigia a empresa. Um homem negro, totalmente calvo por opção, com trinta anos, mais de dois metros de altura, corpo de atleta, cavanhaque acompanhando o desenho do queixo retangular e um sorriso permanente que hipnotizava Ester.

Durante os anos em que trabalhou como secretária de Romano, Ester alimentava a fantasia de que um dia seria secretária de Michel. Não que não gostasse de Romano — ao contrário, apreciava profundamente sua simpatia e cordialidade. Sempre bem-humorado e gentil, como naquela vez em que a ajudara quando estava grávida e não conseguia sequer sentar-se confortavelmente na cadeira, muito menos escrever o memorando que ele lhe ditava.

— Vá para casa. Acho que chegou a hora de ficarmos um bom tempo sem nos vermos, querida. Vá ter o seu filho. E não

se esqueça de me chamar para o batizado.

Uma saudade que parecia não ter fim insistia em arranhar os pensamentos de Ester sempre que se lembrava de Romano. Era um homem bonito, de olhos penetrantes, quase um galã de cinema — apenas mais velho. Agradável, simpático. Já fazia três anos que ele havia morrido, e sua alegria fazia muita falta.

Davi, seu filho, ainda não assumira a mesa do pai. O boato na Agência Mais Criativa era de que ele não assumiria a presidência, deixando praticamente tudo nas mãos de Michel, limitando-se a receber seus pró-labores em conta bancária.

Ester tivera apenas um contato com o filho de Romano. Ele aparecera uma única vez na agência, rapidamente, não se apresentara a ninguém e fora embora. Não herdara, nem de longe, a beleza italiana do pai. No enterro, mostrara-se frio, sem qualquer demonstração

de emoção. Ao final, saiu sem cumprimentar um único funcionário. Naquela ocasião, Ester lembrou-se de um desabafo que ouvira de Romano anos antes, quando ainda era recém-chegada à agência. Em um momento quase solitário, ele lhe confidenciara que Davi era um problema sério: fora expulso de dois colégios, um deles por porte de arma, e agora estava envolvido com drogas.

Ao ouvir aquilo, Ester pensara em como a vida podia ser injusta. Apesar da fortuna e do amor ao trabalho, Romano carregava um filho assim — um verdadeiro fardo.

Não demorou para que Lídia, a secretária de Michel — loira, gordinha, muito bonita e extremamente eficiente, mas com o péssimo hábito de debochar dos que não lhe agradavam — desse a Davi um apelido constrangedor: **Galho Seco**. O apelido fazia referência à total falta de carisma do filho, em contraste com o pai.

Ester não aprovou a atitude de Lídia, mas permaneceu em silêncio.

Assim que se sentou à mesa, Lídia, curiosa para ver a reação da amiga, comentou:

— Tenho uma surpresa para você. O Galho Seco ligou logo que a agência abriu. Pediu que você retornasse assim que chegasse.

— Porra! Justamente hoje que estou atrasada, Lídia.

Ester correu para sua mesa, procurou o número de telefone de Davi e ligou.

Quase imediatamente, ao primeiro toque, ouviu a voz dele do outro lado da linha:

— Ester?

— Sim, senhor Davi. Perdoe-me pelo atraso. O senhor pediu para eu retornar?

— Sim. Amanhã vou à agência. Passarei a acompanhar os trabalhos. Por favor, coloque em minha mesa o orçamento anual da agência, o fluxograma e o diário de caixa do último ano. Preciso também de um demonstrativo das receitas dos

últimos dois anos, discriminado por clientes. Depois, veja a disponibilidade de Michel para uma reunião amanhã à tarde. Alguma dúvida?

— Não, senhor. Acredito que Michel tenha esses documentos.

Ester estava surpresa — mas animada. Desde a morte de Romano, sentia-se quase sem função. Quem sabe agora teria seu trabalho de volta?

Pensou em Davi. Como seria trabalhar com ele diariamente? Teria mudado nesses últimos anos? Não o via desde o velório. Sentiu-se apreensiva: ele tinha vinte e sete anos e todos sabiam que nunca havia trabalhado. Não tinha experiência, nem bagagem — mas era filho de Romano.

Ainda assim, o mais importante era que, provavelmente, voltaria a exercer plenamente sua função. Estava pronta para ajudá-lo em

tudo. Teve vontade de lhe dar boas-vindas, mas percebeu que mal se conheciam. Melhor deixar para depois.

— Mais alguma coisa, senhor Davi? — perguntou, no tom mais profissional que conseguiu.

— Conto com você no seu horário em ponto amanhã.

O comentário a irritou. Não era justo. Ela era a funcionária mais pontual da agência. (*Tinha que atrasar logo hoje?*), pensou. Mas, poucos minutos depois, voltou a se animar: poderia, enfim, ser secretária executiva novamente.

Ester foi até Lúdia e pediu os documentos solicitados por Davi. Não comentou nada sobre a possível decisão dele de assumir a agência. Como secretária executiva, sabia que não devia divulgar decisões da diretoria.

Pouco depois, Michel a chamou:

— Então? Ele falou mais alguma coisa ou pediu apenas os relatórios?

Com Michel, Ester não via motivo para omitir o teor da conversa. Davi não pedira segredo, e quem perguntava era um sócio da empresa.

Mesmo sendo minoritário, tinha autoridade para saber.

Ainda assim, algo dentro dela hesitou.

Um sentimento difuso, talvez com raízes naquele dia terrível da adolescência, fez com que ponderasse o silêncio. No fim, prevaleceu o bom senso: informou que Davi dera a

entender que estava pronto para assumir o lugar do pai.

Michel respondeu:

— Sem dúvida, se isso se confirmar, será uma excelente notícia. Que tal almoçarmos juntos?

Michel já havia almoçado outras vezes com funcionários — era um hábito que herdara de Romano —, mas, daquela vez, foi diferente. Ele a levou a um restaurante chinês à la carte, envolto por

uma atmosfera oriental. Não era barato, obviamente, até porque não se tratava de um daqueles self-services em que a refeição cabe dentro do horário de almoço.

Riram juntos quando Michel comentou, em tom de brincadeira, sobre o cardápio escrito em mandarim: tinham que tomar cuidado, ou acabariam comendo bunda de cachorro.

Ali, durante quase duas horas, Michel falou sobre o cansaço de levar a empresa praticamente sozinho. Elogiou sua equipe de gerentes — em especial Alexandre e Carmen, responsáveis pela criação —, mas deixou claro que eles não eram, nem deveriam ser, os responsáveis diretos pelo bom andamento dos negócios. Essa função cabia aos donos. E, desde a morte de Romano, Michel sentia-se só nessa responsabilidade.

Sem tempo para a vida pessoal, limitava-se a ir do trabalho para casa e da casa para o

trabalho, em uma rotina que, pouco a pouco, transformara-se em uma vida solitária.

Ester e Michel dividiram um pato com laranja. Ester achava tudo aquilo delicioso. A companhia dele era excelente, e o tempo passou rápido demais. Quando se deram conta, já eram quase três horas da tarde.

Ester perdera o horário de trabalho pela segunda vez em toda a sua vida profissional e no mesmo dia.

(E daí? Eu estou com ele.), pensou.

À noite, Michel ligou para Ester. Disse que, mesmo antes da volta de Davi, já havia tomado uma decisão: cuidaria mais da própria vida pessoal e deixaria a empresa um pouco de lado. Era sexta-feira, e ele a convidou para saírem juntos, dar uma volta. Ester se alegrou. Ligou para a mãe e pediu que ficasse com Flavinha naquela noite. Ana Luíza

aceitou prontamente. Em pouco tempo, estaria na casa da filha — um apartamento de sala e quarto, no bairro de Fátima. Um imóvel simples, porém muito bem cuidado: o quarto ao fundo, a sala e a cozinha no meio, o banheiro logo na entrada.

Quando chegou, Ana Luíza percebeu na filha uma alegria quase juvenil. Ficou feliz. Havia tempos que não a via tão animada diante da possibilidade de um relacionamento.

(Deus sabe que ela merecia), pensou.

A vida pune, e Ester já fora punida o suficiente. Pagara um preço elevado por seus erros. Sete anos antes, não ouvira a voz da mãe nem da razão e engravidara. Fizera um aborto ainda no início da gestação. Depois errara de novo: outra gravidez, do mesmo rapaz, que se revelara uma profunda decepção.

Quando contou a ele, a sugestão foi clara: outro aborto. Desta vez, Ester disse não. O rapaz ficou em silêncio por alguns

segundos, afirmou que não estava preparado para ser pai, levantou-se, saiu pela porta da sala e nunca mais voltou. Para aquela atitude, Ester tinha uma única palavra: *foda-se*.

Desde o nascimento de Flávia, Ester mudara completamente. Sua vida pessoal, antes tão agitada, fora encerrada por escolha própria. Passara a se dedicar cem por cento à filha e ao trabalho.

Amadureceu, nos dois primeiros anos de vida da menina, muito além do que se esperaria de uma jovem de vinte e dois anos.

Se, por um lado, tudo isso enchia Ana Luíza de orgulho, por outro a entristecia ver Ester — tão bonita — desperdiçando, aos seus olhos, os anos mais belos da juventude.

Agora, porém, lá estava ela. Feliz como uma mulher diante do primeiro namorado. Ana Luíza não conhecia Michel pessoalmente, mas

não estava preocupada. Ester já não era uma adolescente como naquela vez, naquele dia terrível. Não se envolveria em qualquer aventura. Sabia o que fazia. Ester vestiu-se com simplicidade. Não tinha roupas caras e confiava no bom senso de Michel quanto a isso. Ele a convidara para uma noite sem badalação nem ostentação: veriam uma comédia no cinema e depois jantariam. Para Ester, bastava estar com ele. Chegou em casa por volta das duas da madrugada. A mãe ainda estava acordada, e Ester a censurou — não precisava ficar esperando. Ana Luíza notou no rosto da filha uma expressão de satisfação. *(Parece que tudo deu certo)*, pensou. Fazia anos que Ester não recorria ao próprio dom de sedução, mas estava claro que, dessa vez, não deixara sua presa escapar.

Na segunda-feira, quando Ester chegou ao trabalho, exatamente às 8h30, Davi

Romano já estava na sala de seu falecido pai. Ela previra a possibilidade de ele chegar antes dela ao escritório e, ainda na sexta-feira, ao final do expediente, deixara todos os documentos solicitados sobre a mesa do diretor-presidente da agência.

Ester bateu na porta fechada e ouviu um seco:

— Pode entrar.

— Bom dia, senhor Davi. O senhor precisa de alguma coisa?

Davi Romano tirou os olhos dos relatórios espalhados sobre a mesa e encarou Ester. Ela sentiu-se avaliada, examinada, e o desconforto foi imediato. Por alguns segundos, ele não disse nada; apenas a observou. Continuou olhando quando finalmente falou:

— Bom dia, Ester. Por favor, veja se é possível marcar a reunião que pedi para a tarde agora pela manhã, assim que Michel chegar.

Ester percebeu que Davi não era exatamente como o imaginara. De fato, não tinha a beleza do pai, mas era elegante, tinha classe e educação — algo perceptível à primeira vista. Agora, era ela quem o avaliava.

— Sim, senhor. Só isso?

Só. Obrigado.

Ao fechar a porta da sala, Ester lançou um último olhar para trás. Davi ainda a observava. Pensou que, se fosse o senhor Romano ocupando aquela cadeira, certamente a teria convidado a se sentar, perguntando se faltava algo para facilitar o trabalho.

(Ele não tem o carisma do pai), pensou.

(Mas ainda tem muito a aprender. Se depender da secretária dele, vai dar tudo certo.)

Os funcionários da agência de marketing foram chegando aos poucos e logo souberam que Davi estava em sua sala, estudando alguns relatórios. Todos

aguardavam que ele se apresentasse ou fizesse algum pronunciamento. Em vez disso, permaneceu isolado até que, pelo ramal, perguntou a Ester se a reunião estava confirmada para a manhã.

Michel ainda não chegou. Lídia já ligou para ele, que está a caminho.

— Então, por favor, chame aqui os dois gerentes de criação.

Ester engoliu seco. Lembrou-se da observação de Davi sobre seu horário no dia anterior.

Romano sempre fora liberal quanto à pontualidade. Não se importava com atrasos de quinze ou vinte minutos.

Inclusive, permitia que, antes do expediente, os funcionários tomassem café juntos na cozinha, desde que o trabalho fosse bem executado ao longo do dia. Aquilo ajudava a criar um ambiente saudável.

Então, tomou uma decisão.

Foi até a sala de Davi, bateu à porta e pediu para falar com ele por um minuto.

Davi interrompeu a leitura dos relatórios, tamborilou os dedos sobre a mesa por alguns segundos e apontou para a cadeira à sua frente. Ester sentou-se.

— Senhor Davi Romano, se me permite uma colocação... Seu pai, o saudoso senhor Romano, não exigia que os funcionários

chegassem exatamente no início do expediente. Inclusive, quando chegavam, ainda tomavam um café antes de começar o trabalho. Ele acreditava que isso criava um clima mais aconchegante.

Por um instante, o olhar frio de Davi gelou Ester. Ainda assim, ela prosseguiu.

Afinal, era sua secretária e acreditava que aquilo poderia ajudar no relacionamento com os funcionários.

Evidentemente, não quero, não posso e não devo determinar como o senhor deve dirigir seu quadro de colaboradores. Apenas, como sua secretária e com o intuito de ajudar, trago esse fato para que o senhor entenda que

eventuais atrasos não eram, de forma alguma, um desrespeito à agência. Isso foi autorizado pelo seu pai.

(Pronto, falei), pensou Ester.

Davi permaneceu em silêncio por alguns segundos, olhando fixamente para ela.

Então perguntou:

— E você acha que essa tolerância ajuda no desempenho deles?

Ester relaxou. A pergunta indicava que ele compreendera sua intenção.

Tenho certeza de que, independentemente da sua decisão sobre manter ou não essa filosofia, todos aqui continuarão dando o melhor de si. Mas, sinceramente, acredito que a postura do seu pai — principalmente a confraternização no café da manhã — fortalecia os laços entre os funcionários. E isso é positivo.

Davi esboçou um leve sorriso. Parecia uma aprovação.

— Aproveito para lhe pedir desculpas, Ester. Meu pai sempre dizia que você

nunca se atrasava e que, quando chegava, ia direto ao trabalho, sem café nem nada. Eu não deveria ter chamado sua atenção pelo telefone.

Ela sorriu e assentiu com a cabeça.

Davi anotou um telefone em um papel de rascunho e lhe entregou.

Essa moça é de minha confiança e está estudando Recursos Humanos. Ligue para ela e marque uma entrevista comigo. Ela poderá me orientar, entre outras coisas, sobre como organizar o café da manhã sem prejudicar o tempo produtivo da empresa.

Ester pegou o papel.

(Eu consegui. Ele me ouviu), pensou.

Ester, acredito que pontualidade é um traço de caráter. Se meu pai permitia atrasos, nada havia a cobrar até hoje.

Mas, a partir de agora, isso muda.

Preciso identificar quem está realmente focado na empresa e no trabalho. Depois de ligar para Maria, faça um memorando para eu assinar, determinando que

atrasos registrados no relógio de ponto, a partir de amanhã, serão descontados do salário, conforme a legislação trabalhista. Reincidências levarão à demissão.

Ester ficou paralisada por alguns segundos.

— Mais alguma coisa, senhor Davi? — perguntou, com calma.

— O senhor gostaria de se apresentar aos funcionários em uma breve reunião? — acrescentou.

Ainda estava chocada com a rigidez da decisão, mas considerava importante aquela apresentação.

— Claro. Isso é importante. Ótima ideia. Mas, antes, preciso falar com Michel e com os dois gerentes de criação.

— Mais alguma coisa, senhor Davi?

— Não. Obrigado, Ester.

Ester foi até a cozinha. Michel acabara de chegar e tomava café da manhã com os funcionários. Ela se aproximou e, sem cerimônia, disse que precisava falar a sós

com ele. Ninguém na ampla cozinha estranhou aquele gesto de intimidade entre os dois. Já corria na agência o boato de que mantinham um caso amoroso. Lídia observava atentamente. Percebeu que, na escala informal que se estabelecera para o café da manhã — e que levava em conta a posição de cada funcionário no organograma da empresa —, estavam ali, naquele momento, as pessoas mais influentes da agência. Inclusive o próprio Celso, o fofoqueiro-mor; Alessandra e César, responsáveis pela criação, que haviam acabado de chegar; além de Denílson, da contabilidade, e Geralda, formada em administração e responsável pela retaguarda operacional da empresa. Agora, apenas dois nomes importantes não estavam mais ali: Ester e Michel, que haviam se retirado para uma conversa reservada.

Lídia avaliou que aquele era o momento exato para lançar um alerta aos presentes:

— Andam dizendo por aí que os dois têm um caso... Michel e Ester. Fico pensando no que o Galho Seco faria se ouvisse uma história dessas. Não creio que ele vá querer uma secretária apaixonada pelo próprio sócio — principalmente se o pau começar a quebrar entre eles, o que me parece inevitável. Ela pode até perder o emprego. Sinceramente, tenho pena do que o Michel fará com o infeliz que espalhar esse tipo de boato.

O silêncio tomou conta da cozinha. Lídia observou Celso em especial: ele estava de olhos arregalados.

Concluiu que todos haviam entendido o recado. Se Ester e Michel quisessem confirmar um relacionamento, o fariam por conta própria. A partir daquele dia, o assunto nunca mais foi mencionado dentro da agência.

Na copa, a sós, Ester relatou a Michel o teor do memorando que Davi lhe mandara redigir. Disse-lhe que começava a ficar realmente preocupada com o novo diretor.

Ele nunca trabalhou. Passou anos longe da empresa que era dele. Agora mal chega e já começa a impor regras, bancando o grande executivo.

Michel ouviu em silêncio. Depois falou com firmeza:

— Ester, quero que você preste muita atenção no que vou dizer. Nós estamos apaixonados. Eu, pelo menos, estou.

— Disse isso sorrindo. Ester retribuiu o sorriso.

Um dia ele certamente vai descobrir nosso relacionamento. Vamos mantê-lo em segredo o máximo de tempo possível, sem mentiras. Se ele perguntar, contamos. Até lá, quero que você seja a profissional que sempre foi. Nunca me passe informações sobre ele. Nunca mais

me procure como fez agora, na cozinha. O que eu quero é que, quando ele descobrir, tenha certeza de que isso não interferiu em nada no seu trabalho como secretária executiva.

Michel fez uma pausa, ponderando as palavras.

— Eu sou sócio, mas ele tem a caneta. O contrato social da empresa é claro: é a assinatura dele que decide. Se ele resolver te demitir, eu não posso fazer nada. Você entende?

— Mas o que eu faço agora? — perguntou Ester. — Ele já começa sendo malvisto na empresa. Não deveria pegar mais leve?

Faça exatamente o que ele mandou. Redija o memorando, entregue para ele assinar e coloque no informativo. E mais: sugira que cada funcionário rubrique o documento. Você é a secretária dele. Ester compreendeu cada argumento. Michel demonstrava bom senso e uma

leitura precisa da situação. Aquilo era, de fato, o melhor para ela.

Ele quer uma reunião com você, Alessandra e César — avisou.

Diga a ele que, assim que terminarmos o café, iremos. Exatamente assim.

Michel respirou fundo antes de concluir:

— Do ponto de vista profissional, ele ainda é um menino. Nunca trabalhou.

Com o tempo, aprende, fica mais humilde, entende como as coisas funcionam. E tem mais uma coisa que preciso te dizer.

— O quê?

Michel levou a mão até a blusa de Ester e, delicadamente, fechou o botão superior. Os seios dela ficaram completamente cobertos.

— Isso é só para a minha apreciação. Entendeu?

Ele falou baixo. Ester adorou o gesto. Meia hora depois, o memorando estava pronto. A reunião já havia começado.

Ester ligou para o ramal de Davi e avisou que o documento estava disponível. Ao entrar na sala, ouviu por acaso um comentário irônico de César, o gerente de criação mais graduado da agência, dirigido a Davi:

— Então, Davi, talvez você, com sua larga experiência, possa nos orientar sobre como melhorar os rumos da empresa.

Mais uma referência jocosa à inexperiência do “menino”.

Ester percebeu imediatamente a tensão no ambiente. Lembrou-se das palavras de Michel e agiu com o profissionalismo de sempre.

Fingiu não ter ouvido o comentário.

Entregou o memorando e sugeriu que, antes de sua divulgação no informativo interno, todos os funcionários rubricassem o documento.

Davi leu atentamente. Em seguida, lançou-lhe aquele leve sorriso de aprovação.

Certo, Ester. Providencie como sugeriu. É só isso. Obrigado.

Ela saiu da sala e, olhando para o memorando que carregava nas mãos, pensou, com ironia, que aquela era uma bela maneira de ele se apresentar oficialmente aos funcionários.

Maria, a nova candidata encarregada da área de Recursos Humanos, chegou para a entrevista. Era uma moça magra, de cabelos negros curtos, muito baixinha. Parecia quase uma criança. A entrevista foi longa. Ao final, Davi pediu que Ester fosse até sua sala. Quando ela entrou, ele foi lacônico, como de costume:

— Ester, esta é a nossa nova gerente de Recursos Humanos. Apresente-a aos funcionários. Depois, providencie uma mesa para ela, de frente para o salão, e também uma sala reservada para

encontros e reuniões privadas. Ela vai explicar a você exatamente qual será a função dela aqui na empresa.

As duas se cumprimentaram. Maria não devia ter mais de vinte e seis anos.

No dia seguinte, assim que Davi saiu para o almoço, Maria se dirigiu a Ester:

— Ester, por favor, chame o César para a minha sala particular.

César era um gerente de propaganda respeitado no mercado, mas certamente, com aquela idade, não encontraria um novo emprego com facilidade. Ao que parecia, Davi não teve coragem de demiti-lo diretamente.

Preferiu passar a responsabilidade para Maria.

Ester não via nenhum motivo para a demissão do velho profissional — e, acima de tudo, grande amigo de Romano — a não ser aquele comentário irônico feito na sala de reuniões sobre a idade

dele. Ficou imaginando Maria chamando César e dizendo que seus serviços não seriam mais necessários, agradecendo friamente por tudo. Que coisa baixa.

César saiu com a classe de sempre. Aquele senhor elegante e paciente abraçou todos os funcionários como se estivesse se despedindo de familiares. Era exatamente nisso que Romano havia conseguido transformar aquela empresa: numa família. Romano trabalhava conscientemente nesse sentido. Fazia reuniões diárias com todos os setores da agência. Sua preocupação era saber se faltava alguma coisa para melhorar o desempenho de cada área, sempre com educação e um bom humor que contagiava a todos.

(Será que um dia Davi entenderia isso?)

Ester ficou preocupada com a reação de Michel. Tinha certeza de que ele sequer fora consultado sobre a demissão de César. Não podia fazer nada a respeito.

A caneta era de Davi, mas uma conversa entre os dois teria sido um gesto mínimo de bom senso, afinal, Michel também era sócio.

À noite, durante um jantar, Ester e Michel conversaram sobre o assunto. Michel disse que realmente ficara muito chateado, mas que nada podia fazer. Davi era o sócio que tinha a palavra final e já havia se decidido.

Ainda não é hora de colocar Davi no lugar dele. A pior coisa que poderia acontecer agora para a agência seria uma guerra entre os sócios. O mercado ficaria sabendo, e isso poderia ser fatal, afastando novos clientes.

Tudo tem a hora certa. Estou trabalhando nisso. Em último caso, dou um ultimato a Davi: ou ele muda o estilo de trabalho, ou eu vou embora montar minha própria empresa. Ester pensou em como, em poucos dias, o ambiente da agência havia mudado depois da chegada de Davi.

— Você não acha que agora, com a morte de Romano, ficaria com a maioria dos clientes se montasse sua própria agência?

— Tenho certeza disso, mas só tomarei essa decisão em último caso. Devo isso a Romano. Ester suspirou. Era verdade.

Duas semanas depois, houve um princípio de rebelião na agência quando o seguro-saúde dos funcionários foi cortado. Alessandra, a única gerente de criação após a saída de César, saiu furiosa de uma reunião com Davi. Nunca mais voltou. Nem sequer se despediu. Agora, a agência não tinha mais nenhum gerente de criação.

O ambiente havia definitivamente mudado. Os primeiros dias de Davi estavam virando o escritório de cabeça para baixo.

Ester, mais uma vez, sentiu-se no dever de avisar Davi de que o moral dos funcionários não andava nada bem. Por

incrível que pareça, ele ouviu com calma todos os seus argumentos. Em seguida, levantou-se, virou de costas e ficou olhando pela janela.

— E você, Ester? Também está insatisfeita na empresa?

Sabe, senhor Davi... aqui foi o meu primeiro emprego. Eu amo esta agência. É como uma segunda família. Seu pai fez isso. Ele me fez gostar tanto daqui que a única vez em que me atrasei foi justamente naquele dia em que...

Davi se virou e interrompeu sua resposta com um aceno de mão.

Ester, fico satisfeito quando você diz que gosta do seu trabalho. Você é uma secretária excepcional, sei que não vou encontrar alguém melhor. Escuto sempre cada palavra sua com atenção. Fique à vontade para dar suas opiniões quando achar importante, mas nem sempre posso concordar com elas. Se você não aprova meu método de trabalho, tenho

certeza de que, com minhas referências, logo estará empregada.

(Ele está me ameaçando de demissão. Sou a próxima da lista. Eu só queria ajudar.)

Ester sabia que poderia conseguir emprego em qualquer agência de marketing — não graças a ele, mas a Romano, que sempre a cobriu de elogios diante da concorrência. Era jovem, bonita e, sim, muito competente. Mas havia Michel. Se uma guerra estourasse entre os sócios, se preciso fosse, ela estaria ao lado dele. Além disso, entendeu perfeitamente o recado: Davi não queria mais ouvir seus conselhos.

— Obrigada, senhor Davi. Acho que já falei tudo.

Assim que chegou à sua mesa, recebeu pelo interfone um chamado para ir ao setor de Recursos Humanos da agência. Maria queria falar com ela. Por um instante, Ester paralisou ao imaginar a possibilidade de estar sendo demitida.

Enquanto caminhava pelo salão, foi se acalmando.

(Não pode ser isso. Não pode simplesmente acabar assim.)

Bateu à porta da sala de Maria e entrou.

— Bom dia, Ester. O senhor Davi pediu que você entrasse em contato com esta publicitária para agendar uma entrevista. Ester pegou um cartão. Nele estava escrito:

- Wanessa Campos, publicitária.
- Estamos procurando alguém para a vaga de Alessandra. Se conhecer...
- alguém...

À noite, Ester sugeriu a Michel uma possível candidata para a vaga deixada por Alessandra. Havia alguém: Joice — uma fera na criação, publicitária brilhante, que havia trabalhado na agência durante o período de Romano. Joice decidira sair para montar sua própria empresa de marketing, mas logo descobrira que ter boas ideias é uma

coisa; administrar um empreendimento, outra bem diferente.

— Claro! — disse Michel, sorridente, e ligou imediatamente para ela.

Ester foi informada por Davi de que, por enquanto, não contrataria ninguém.

Queria avaliar cuidadosamente todas as possibilidades antes de tomar uma decisão. Ester ficou contrariada. (*Será que a decisão de Michel não vale nada?*), pensou, mas, evidentemente, não disse nada.

Numa noite daquela semana, Michel convidou Ester para comer uma pizza. Ele sabia que Ana Luíza estava em seu apartamento e, portanto, Flávia não ficaria sozinha. Foram a uma pizzeria na Avenida Atlântica. Fizeram um acordo: nada de conversa sobre trabalho.

Foi então que ela o viu, numa mesa de canto, próxima ao fundo do restaurante. Lá estava ele: Davi.

Michel, olha ali... é o Davi.

Ela sussurrou, como se ele pudesse ouvi-los, mas percebeu que ele estava longe, de costas para eles.

— Vamos embora, Ester. Nós combinamos. Nada de trabalho. (*É melhor assim*), pensou Ester. Seria uma situação constrangedora se ele visse os dois ali. Ela queria que Davi soubesse do relacionamento por ela mesma, na hora certa, mas também não queria sair apressada, como se estivesse cometendo algum crime por estar com Michel. Michel pediu a conta e foi ao banheiro. Ester permaneceu à mesa, observando Davi. Ele estava sozinho. Não jantava; apenas tomava um café. Sua expressão era pensativa.

Naquele instante, Ester percebeu que ele era um homem solitário. Era solteiro; não se lembrava de alguma namorada que ligasse para ele.

(*No que será que ele está pensando?*)

Ela sabia que ele morava ali perto, no Leme, num apartamento modesto, apesar

de ter dinheiro suficiente para morar de frente para o mar, se quisesse.

Continuava observando quando Michel voltou.

— Acho que vou dar um “boa noite” a ele, Michel. Pode ser um bom momento para que saiba sobre nós dois. É algo casual. Vamos juntos cumprimentá-lo; o resto ele entende sozinho.

Ainda não, Ester. Nós dois não estamos bem na sociedade. Eu não confio nele, e ele também não parece confiar em mim. Você pode sair prejudicada. Vamos ver primeiro se

ele muda, se nosso relacionamento profissional e pessoal melhora. Então eu conto a ele.

A conta chegou. Michel e Ester saíram tranquilamente do restaurante, sem olhar para trás.

Vou levá-la para casa, Ester. Aproveito e subo, tomo um café, converso um pouco com sua mãe e dou um abraço na Flávia.

Ester mal prestou atenção no que Michel disse. Sentia-se mal. Definitivamente, não gostava de Davi. Mesmo sendo filho de Romano, a demissão de César fora um gesto de quem não tinha caráter. Ainda assim, naquela noite, descobriu algo incômodo: não gostava de omitir — muito menos de esconder — o relacionamento que tinha com Michel.

Solitário, sentado na última mesa do bar, Davi Romano esboça um sorriso tímido ao se lembrar do motivo que o levou a decidir assumir a empresa. A ideia surgira algumas semanas antes, quando soubera da novidade.

Duas semanas antes:

Davi Romano saiu da sala de um antigo amigo de seu pai e caminhou pelo corredor. Passou direto pelos elevadores e foi até uma das janelas de canto do velho prédio comercial de Copacabana. Permaneceu ali por um tempo que não

saberia medir, concentrado apenas no movimento da rua.

A Avenida Barata Ribeiro estava furiosa. Alguém segurava o trânsito. Um carro quebrado. As buzinas gritavam o que facilmente poderiam ser traduzidas como palavrões. (*Que culpa tinha o pobre coitado se o carro dele quebrou?*), pensou Davi, antes de lutar, mais uma vez, contra a realidade.

Seguiu até o calçadão da Avenida Atlântica. Estava decidido a realizar uma nova averiguação dos fatos. Era fim de tarde. A maresia chegava gelada, enquanto ele suava. Sentou-se em um dos bancos de pedra de frente para o mar. Por um instante, imaginou estar prestes a cometer uma monstruosidade irreparável contra sua futura esposa. Ainda assim, seu pragmatismo voltou a prevalecer. Caminhou pela Avenida Atlântica até chegar ao seu apartamento. Ao entrar, resolveu parar de se enganar: estava tudo confirmado.

Davi, meu Deus, eu estava preocupada com você. São dez horas. Você podia ter ligado.

A expressão de Marisa era de reprovação. Davi deixou as chaves sobre a escrivaninha, como sempre fazia ao chegar em casa, mas não lhe deu o beijo habitual. Em vez disso, dirigiu-se à janela da sala e ficou ali, observando a rua.

— Aconteceu alguma coisa, Davi?

Ele passou a observar atentamente as reações de Marisa. A partir delas, saberia se ela estava sendo sincera — e isso, agora, era fundamental. Então perguntou, sem vacilar:

— Você já me traiu alguma vez?

A pergunta de Davi saiu exatamente como ele Marisa esperava. Direta e fria como o aço.

Davi ainda estava de costas para ela, de frente para a janela. Após a pergunta, virou-se lentamente.

Ela estava furiosa. Falou entre os dentes:

— Que espécie de pergunta é essa?

Davi detestava brigas. Sempre evitara discussões sem sentido, quando o resultado era apenas magoar e ferir. Mas agora o velho Davi — o coração de pedra — estava de volta, e ele precisava saber a verdade.

— Não acho que você tenha entendido errado. Fiz apenas uma pergunta. Espero uma resposta honesta.

Ele falou com a mesma frieza com que fizera a pergunta sobre traição.

Marisa ficou confusa. Olhava para ele como quem tenta decifrar um enigma. A palavra *traição* ainda ecoava no ar. Então Davi percebeu que ela mudava de postura. Já não estava furiosa, tampouco confusa. Aos poucos, assumia uma posição confiante. Seu tom de voz tornou-se firme, seguro. Agora ela contaria a verdade.

No dia em que você me convidou para tornar nossa relação definitiva, chamando-me para morar com você... eu fiquei em dúvida. Você se lembra?

Ela sentou-se no sofá e continuou, com calma:

— Nós tínhamos um amigo, o Dan. Você se lembra dele?

(Claro que lembro. Um curitibano), pensou Davi. *(Estudante de Letras na universidade onde Marisa estudava. Um homem bonito e charmoso, encantador mesmo... então foi ele.)*

Liguei para ele para contar sobre a sua proposta. Confessei que tinha dúvidas sobre um relacionamento definitivo com você, porque, de vez em quando, eu pensava nele não apenas como um amigo. Ele disse que precisava falar comigo. Marcamos um encontro num restaurante no centro da cidade.

Marisa olhava fixamente para Davi, que não demonstrava surpresa nem emoção. Ela prosseguiu, mantendo a serenidade. Ele se declarou. Disse que jamais havia aberto o coração porque eu era uma mulher que amava e era amada por outro homem, mas que, depois da minha revelação, não podia mais guardar

aquele sentimento. Disse que era apaixonado por mim, que sonhava comigo como esposa, como a mãe de seus filhos.

Nesse momento, Marisa percebeu uma leve perturbação no rosto impassível de Davi.

Ainda assim, ele permaneceu em silêncio.

Naquela noite, nós nos amamos. Posso garantir que não foi nada vulgar, como uma despedida de solteira. O nosso futuro relacionamento — o meu e o seu — correu sério perigo naquela noite. Na manhã seguinte, quando acordei na cama dele, ao lado dele, tomei minha decisão. Pedi, com toda a ternura, que ele não me procurasse mais.

Ela respirou fundo antes de concluir: — Foi só isso, Davi. Eu escolhi você. E não me arrependo.

Uma vez eu abortei um filho nosso. Você não aprovou, e hoje eu me arrependo. Um pedido de casamento agora seria um

sonho. Eu quero filhos, você sabe disso.
Eu quero uma família.

Ela estava ali, diante dele, esperando um sinal de que estava tudo bem — de que ele havia entendido e de que não havia nada a ser perdoado.

Davi não disse nada. Caminhou em direção ao quarto preparado para as futuras crianças tão desejadas, os filhos que o casal planejava ter. Marisa o seguiu e parou à porta do quarto. Estava calma. Avaliava a situação.

Marisa era fria, como uma futura policial precisa ser em qualquer circunstância.

Agora, observando Davi, avaliava o que seria do

relacionamento deles após a revelação.

Um homem cuja mãe morrera no parto e que crescera com um pai ausente. Isso quase sempre levava a dificuldades afetivas — no caso dele, manifestadas por uma tendência ao isolamento.

Poucos amigos, certo repúdio ao convívio social.

Quando o conheceu, ele era exatamente assim: geralmente calado, concentrado nos estudos, não fumava, não bebia, não se misturava aos colegas da faculdade. Ainda assim, conseguia ser um líder. Como naquela vez em que enfrentara, em um debate, o professor de História do Direito, que se irritara profundamente ao ter seus argumentos contestados por um aluno.

Quando havia apresentações de trabalho, os machos alfa da sala se intimidavam diante da plateia; Davi, não. Dominava o auditório como um comunicador experiente. Depois, tudo voltava ao normal. Ele seguia sozinho. Marisa se lembrava bem. Sempre admirara aquele rapaz calado e sem amigos. Ele fora muito corajoso certa vez — enfrentara e desmascarara um canalha. Um dia, ela o abordara nos corredores da faculdade. Começaram um relacionamento que criou raízes.

Com o tempo, ela se surpreendia cada vez mais com ele. Era gentil, embora intenso na cama. Apesar de o dinheiro nunca ter sido um problema, era organizado e evitava desperdícios. Ao longo de três anos de namoro e um ano e nove meses morando juntos, aos poucos, ele foi se soltando. Tornou-se mais sociável, não se entediava quando saíam com os amigos dela. Marisa gostava disso, porque sabia que tinha parte naquela transformação. Ela deu graças a Deus por ser ele ali — e não qualquer outro homem — naquela situação. Dava como certo que ele entenderia. Fora sincera em cada palavra. Enquanto o observava, percebeu que Davi esboçava um sorriso triste, estranho.

— Então, Davi... e agora?

Ele respondeu:

— Acabou, Marisa. Tudo acabou.

Naquele bar da Avenida Atlântida, de volta de suas lembranças, ele nunca mais viu Marisa. Ele se lembra do que ela disse a ele naquele dia:

" Eu me enganei com você, Davi. Você vai viver solitário até sua morte. "

Capítulo 4

Davi não fez mais mudanças bruscas na empresa. Era distante, mas tratava a todos com educação. Ela se sentia bem agora: tinha seu trabalho de volta. De fato, ele ficou mais agradável; o ambiente na empresa foi se normalizando — não que ele tivesse mudado muito.

Continuava um homem de poucas palavras, intransigente com horários e exigente nos resultados.

Ainda não havia escolhido um gerente de criação. Não aprovou a contratação de Joice. Ester, por sua vez, estava feliz: já o compreendia e era eficaz na solução de problemas do dia a dia, como uma secretária devia ser.

Foi só aquele início tumultuado de quem nunca trabalhou. O Davi real era este da agência agora.

Assim foi durante dois meses — até que, um dia, o novo Davi voltou a ser o velho Davi. Denílson, contador da agência há mais de vinte anos, ligou para a residência de Michel à noite. Estava alarmado. Michel tratou logo de acalmá-lo:

— Você não precisa ficar preocupado com nada, Denílson. Eu vou estar lá.

Agora me escute e se tranquilize.

Ester estava junto de Michel, em sua casa, e não pôde deixar de ouvir o que ele falava a

Denílson. Quando Michel desligou o telefone, ela não disse nada. Entendeu que o contador temia perder o emprego de tantos anos.

No dia seguinte, o menino agiu de novo: Denílson, o contador da firma, foi dispensado. Já era um senhor, com mais de sessenta anos. Não se despediu de

ninguém: saiu da reunião com Davi e Michel e foi direto para a porta de saída da agência. Nunca mais foi visto.

Parece que Michel não conseguiu ajudar muito o velho profissional. Ester lamentou. Sentiu vontade de perguntar o porquê daquela decisão, mas sabia que aquele não era o papel de uma secretária. Davi foi ficando cada vez mais calado. Parecia preocupado, incomodado — até que Michel ligou para Ester: precisava falar com urgência com ela. Os dois se encontraram em um restaurante, em Ipanema:

Davi dispensou Joice. Vai ficar com uma iniciante no cargo. Aquela bonitona:

Wanessa Campos. Uma amadora.

Mas como?

Ele simplesmente me comunicou. Não me consultou como sócio. Tivemos uma briga muito feia, a coisa partiu para a ofensa pessoal. Eu disse a ele que local de trabalho não era para conquistas; ele se comportava como um garoto arrogante e

mimado, ele... Michel parou e olhou para o nada.

(*A briga foi feia mesmo*), pensou Ester. Ele ainda estava ofendido — e não era fácil tirar Michel do sério.

Ele me chamou de...

Michel parou novamente, continuou olhando para o nada. Ester teve um calafrio. Teria Davi insultado Michel com alguma palavra racista? Não — não era possível. Preferiu não perguntar nada: Michel parecia humilhado.

Eu vou montar minha agência. Vai ser uma guerra. Você não precisa vir comigo.

Ester sorriu e pegou na mão dele com todo carinho.

E você acha que eu vou ficar lá com outra pessoa quando posso ser sua secretária? Não, não como secretária. Venha como minha sócia.

No dia seguinte, Ester avisou por telefone a Davi que chegaria mais tarde ao serviço — segunda vez em quase seis

anos de trabalho na agência. Não se preocupou com a reação dele. Aquela suposta agressão racial contra Michel acabou de vez com qualquer simpatia por Davi.

Foi até o cartório e, a pedido de Michel, solicitou uma cópia do contrato social atualizado da agência. Era o primeiro passo para desfazer a sociedade.

Guardou o documento e voltou para a empresa. Deixou o contrato com Michel e foi para seu último dia de serviço com Davi.

Dez minutos depois, Michel chamou Ester à sua sala. Estava sentado em sua cadeira com um único documento sobre a mesa: o contrato social da firma.

Parecia ter visto um fantasma. Depois de um silêncio constrangedor, falou:

— Ester, você se lembra de ter assinado algo a pedido de Romano?

Ele parecia muito surpreso com alguma coisa. Ester não precisou puxar pela memória: no hospital, após o AVC, ele

pedira que ela assinasse uma folha em branco para uma procuração — ou algo assim —, um documento que ela receberia se a saúde dele se agravasse. Eu assinei algo para ele antes de morrer. Não sei o que é. Minha confiança em Romano era total.

Então eu tenho uma notícia para você — algo que muda tudo.

O que é?

Antes de morrer, Romano passou para você todas as suas cotas da empresa.

Ester se calou. Não tinha palavras. Olhou para Michel com uma interrogação no rosto. Ele pegou o contrato social e apontou para ela:

— Você é mais do que sócia — é a sócia com a caneta na mão.

Ela perguntou, de boca aberta:

— Mas... o quê?

O contrato está registrado na Junta Comercial. Eu já confirmei.

Ela pegou o contrato, leu e confirmou a informação.

Davi nem consta no documento, Michel. O nome dela estava lá. Ester tentava colocar os pensamentos em ordem; estava cada vez mais atordoada, atônita. Ester, preste atenção: é tudo muito lógico. Antes de te chamar, eu fiquei tão perplexo quanto você; depois fui juntando as peças.

Lembro que Romano, uma vez, me disse que sua grande preocupação era justamente o filho assumir em seu lugar. Achava que o garoto tinha alguma coisa errada. Falou isso uma vez — e nunca mais tocou no assunto. Pelo que estamos vendo, ele tinha razão.

Michel falou e se levantou, caminhando em direção a Ester. Ela se lembrou de um desabafo de Romano: fora expulso do colégio por porte de arma, envolvido com drogas...

Precisamos ficar atentos com Davi. Provavelmente, do jeito que Romano era, ele contou ao filho sobre sua decisão. Mesmo que não tivesse contado, não vejo

como Davi não soubesse disso. (*Será que ele passaria seis meses sem ler o contrato social de uma empresa que acabou de herdar? Impossível!*) — pensou Ester. Michel continuou:

Davi foi desonesto. Escondeu a decisão do pai, escondeu a decisão de você.

Devia estar tramando um jeito de conquistar a agência de novo.

— Mas como? — perguntou Ester. — Como

ele faria isso? A decisão já havia sido tomada, a agência já...

Ester se calou. Ainda não havia digerido a informação. Michel parou e, de repente, olhou para ela como se tivesse encontrado a resposta:

— Ester, você estuda marketing. Qual é o maior patrimônio de uma empresa de serviços?

Ela ficou calada, encarando Michel, sem resposta.

Vamos, Ester. Você estuda marketing. Qual é o maior patrimônio de uma empresa de serviços?

Seus clientes.

Exato. Ele sabia que era questão de tempo até descobrirem que não era mais o proprietário. Nesse meio-tempo, trabalharia para conquistar os clientes da agência enquanto destruía a espinha dorsal da empresa. Mandou César embora, causou uma rebelião e Alessandra se demitiu. Afastou-me das decisões e ainda tem essa história de dispensar Joice. Ela é uma gerente de criação brilhante — isso atrapalharia os planos dele de acabar com o prestígio da empresa.

Ele então montaria outra empresa e levaria os clientes. Era o único jeito de conseguir sua agência de volta — agora com outro CNPJ — ou mesmo comprar a Agência Mais Criativa por preço de banana, depois de sucateada.

Ester olhou para Michel e falou, em alerta:

— Michel! Foi por isso que, de repente, ele voltou. Apareceu do nada depois de tanto tempo, ficou sabendo que a firma não era mais sua e veio correndo colocar o plano em prática.

O quebra-cabeça estava sendo montado. Ester agora ficou calada.

Nós achávamos que ele era um garoto mimado, que nunca trabalhou. Na verdade, é um golpista: está dando um golpe na empresa. Quanto a Romano, ele não abandonou Davi — eu penso diferente.

Deixou uma bela fortuna para o filho.

Não queria que ele acabasse pobre, levando a agência à falência e perdendo tudo.

Michel, eu ainda não consegui digerir isso tudo... me ajuda.

Michel a abraçou e disse que não era hora de vacilar:

— Você é a dona da agência — de direito e de fato. Assim quis Romano.

Ester foi absorvendo a informação.

Romano sempre a tratara como uma filha. A agência agora era dela e de Michel — estava no papel; fora decisão do próprio Romano.

— Precisamos ligar para Joice — disse ela, sem convicção.

— Não se sentia bem. Não queria nada daquele jeito.

— Eu já liguei. Ela já sabe. Liguei imediatamente, assim que tomei conhecimento do fato. Se foi assim que Romano quis, eu não preciso viver mais essas duas farsas: ter um sócio como Davi é uma farsa — e, principalmente, ter escondido nossa relação esse tempo todo.

Ele fixou os olhos nos olhos dela. Tirou uma caixinha com duas alianças do bolso e entregou a Ester. Ela abriu — lá estavam as alianças.

Elas estavam aqui, na minha mesa. Eu quero você como esposa.

Davi estava em sua sala, concentrado no trabalho, quando recebeu uma ligação direta em seu telefone. Era do cartório onde o contrato social da agência estava arquivado. Após os cumprimentos formais, um jovem do outro lado da linha disse:

— Alguém solicitou o documento. Achei que o senhor deveria saber.

Ainda atordoados com as notícias sobre a posse da empresa, Michel e Ester chegaram a um acordo. Não queriam que a informação sobre a nova posição dela fosse divulgada naquele momento. Quanto ao noivado, Ester preferia que Davi soubesse de forma natural, de preferência no mesmo dia em que a agência recebesse um comunicado oficial sobre o futuro casamento.

Uma chamada pelo interfone, feita por Lídia, lembrou Ester de que a vida seguia seu curso. Davi solicitava sua presença.

O Davi quer vê-la.

Eles ainda não sabiam. Não sabiam que ela não era apenas a futura esposa do sócio.

Agora, Ester era sócia — e com a caneta na mão. Davi, muito provavelmente, já sabia que a empresa não lhe pertencia mais. Ele e Michel haviam tido atritos sérios, e talvez se sentisse traído por Ester por ela não ter revelado antes o relacionamento entre os dois. Ainda assim, sua consciência estava tranquila. Até então, fora uma funcionária isenta. Nunca se envolvera na disputa entre os sócios, inclusive por conselho de Michel. Além disso, não estava preocupada. Ela tinha a caneta.

Ester entrou na sala. Davi a cumprimentou e disse:

— Ester, hoje preciso de você para uma visita a um novo cliente. Saímos daqui depois do almoço.

Ela se empertigou ao saber que visitariam um provável cliente de grande porte, com matriz em Juiz de Fora, Minas Gerais. O deslocamento levaria cerca de duas horas e meia desde o centro do Rio. Com Romano, isso não causaria estranhamento: ele tinha o hábito de levá-la a reuniões importantes e fazia questão de apresentá-la pessoalmente. Com o tempo, Ester compreendera que o velho empresário usava sua presença como estratégia de encantamento junto aos clientes. Mas Davi, desde que chegara à agência, jamais solicitara sua companhia em compromissos externos. Por que agora? *(Tudo bem. Ainda não é hora de contar a ele sobre o contrato social. Por enquanto, sigo recebendo ordens)*, pensou. A companhia de Davi era desagradável, mas, com pagamento de hora extra, não haveria problema.

Pois não, senhor Davi. Eu vou com o senhor.

Após o almoço, seguiram para Juiz de Fora em silêncio. Ele não lhe deu instruções específicas, e ela não tinha perguntas a fazer. Em determinado momento da viagem, Davi tentou iniciar uma conversa casual. Perguntou se ela gostava de música, se tinha alguma preferência. Ester agradeceu e disse que não. O restante do trajeto transcorreu em silêncio. Ester participou da reunião.

Tratava-se de um cliente potencial importante, uma conta significativa.

Ainda assim, quanto mais o tempo passava, mais ela se convencia de que não havia um motivo concreto para sua presença ali. A reunião terminou tarde. Para sua surpresa, a apresentação de Davi foi brilhante. A conta era grande e, naquele momento, praticamente já estava nas mãos da agência. *(Da minha agência.)*

No caminho de volta, Davi disse que a levaria para casa. Ester agradeceu, mas

inventou um compromisso no centro; ele poderia deixá-la próxima à agência. Após um breve silêncio, ele a olhou fixamente.

Ester, você é uma secretária maravilhosa. Já está tarde. Jante comigo. Depois eu a levo para onde quiser, sem nenhum constrangimento.

Ester pensou. Aquilo não parecia uma cantada; podia ser um sinal de paz.

Talvez Davi quisesse mostrar que seus conselhos passariam, de fato, a ser ouvidos com mais atenção — ou, simplesmente, um pedido de desculpas por um começo arrogante na empresa. *(Ele não sabe que eu sou a nova dona da agência.)*

Então ela se lembrou do olhar dele, acompanhando-a, quando se viram pela primeira vez em sua sala. Sentiu um calafrio, mas decidiu aceitar o convite. Não tinha medo. Se fosse uma cantada, saberia se defender — e como. Lembrou-se de amigas que trabalhavam como

secretárias e eram importunadas constantemente por seus chefes: algumas cediam, outras eram demitidas, outras viravam amantes.

Então vamos!

Disse isso com um tom informal que surpreendeu a ele — e a ela mesma.

Saíram às 18h de uma fábrica próxima a Juiz de Fora e, cerca de uma hora depois, pararam

em uma churrascaria de beira de estrada, nos arredores da cidade. Ester ficou à vontade.

Aquele definitivamente não era um lugar para cantadas.

Eu não bebo. Além disso, estou dirigindo. Mas, se você quiser alguma coisa... uma cerveja...

Um suco de laranja, por favor.

Outro suco de laranja também, por favor.

O garçom — um rapaz com um uniforme tão simples quanto o lugar — não anotou nada. Ester reparou que Davi não era um homem exatamente feio. Era magro, mas

tinha boa postura; alto, elegante. O cabelo castanho-escuro, curto e volumoso, bem penteado, não lhe dava uma aparência rígida ou excessivamente controlada. O queixo não era quadrado como o do pai; devia ter puxado a mãe. Por alguns segundos, os dois permaneceram em silêncio. Ester resolveu puxar conversa.

Senhor Davi, o que o senhor fazia antes de assumir a agência?

Ele a olhou fixamente, com um semblante divertido.

Não sou velho. Tenho só vinte e sete anos. E você está proibida de me chamar de senhor.

Como devo chamá-lo, então?

Davi.

Lá na agência também? Ela disse isso sorrindo.

Especialmente lá. E não se preocupe quando eu chego calado. Sou assim mesmo. Adoro acordar de manhã e pisar

no rabo do meu cachorro, mas não gosto de ser chamado de velho.

Ester riu.

Pobrezinho do bicho, tendo o rabo pisado toda manhã... que mau humor.

Você tem mesmo um cachorro? Eu duvido. Você mora em apartamento.

Tenho, sim. E gosto muito dele. Aliás, tenho orgulho. Foi ele que inspirou uma expressão que você certamente já ouviu. Ela ficou em silêncio, olhando para ele, divertida. Não perguntou qual. Mesmo assim, ele completou:

“Saiu com o rabo entre as pernas.” Os dois riram.

Durante o jantar, ele contou que nunca havia trabalhado antes. Estudava História — e História era a menina de seus olhos.

Acreditava que conhecer o passado era fundamental para construir o futuro.

Ester disse que estudava marketing, pensando em seu futuro profissional.

Falou com entusiasmo das grandes

campanhas que a agência havia construído ao longo dos anos. Por fim, mencionou Romano, dizendo que Davi deveria ter o pai como exemplo. Mais uma vez, Ester se surpreendeu. Davi podia ser bem agradável quando queria. O tempo passou rápido. De repente, ele ficou em silêncio, olhando para ela. Ester também se calou, sustentando o olhar dele. Percebeu que, no fim, aquilo começava a se parecer com uma cantada. Não se sentiu mal. Se era uma cantada, não era banal nem grosseira — era até bonita. Além disso, ele ainda não sabia que ela era comprometida com outro homem, nem tinha conhecimento da festa na agência. Ainda assim, decidiu mudar o rumo da conversa. Obviamente não queria nada com Davi. Ele entenderia isso, mas tudo precisava ser feito com sutileza. Ester não queria criar mágoas. Por um instante, imaginou se ele não poderia continuar na agência.

Não como dono, mas como gerente de contas.

Davi, você é muito jovem para a responsabilidade que carrega. Escute mais o Michel. Seja mais simpático com seus funcionários, como está sendo comigo agora. A agência é uma verdadeira família. Hoje vi sua apresentação; você foi brilhante. Já percebi que terá um futuro enorme. Está na hora, inclusive, de todos esquecerem aquele apelido idiota que lhe deram na agência... Ester interrompeu a própria fala. Percebeu que tinha falado demais. Que apelido?

Ele parecia divertido com a pergunta. Ester continuou olhando para ele, imóvel. (*Que importância tinha isso agora?*) Pensou que realmente se excedera. Ele insistiu, dizendo que não havia problema. É só uma bobagem... o pessoal da agência te chamava de “galho seco”.

A expressão de Davi mudou imediatamente. (*Meu Deus... era só um apelido, mas ele sentiu o golpe.*)

Ester foi tomada por um arrependimento súbito.

(*Eu não devia ter dito isso. Que idiota.*)

Após alguns segundos de silêncio, ele perguntou, olhando fixamente nos olhos dela:

— Por quê?

— Deixe essa bobagem de lado, Davi. Já passou.

Ele continuou olhando para ela, imóvel. O jantar, até então tão agradável, chegara ao fim. Ester ficou triste. Durante a refeição, ele estivera bem; chegara a sorrir de um jeito que ela jamais imaginara possível. Sentiu vontade de pedir desculpas. Não devia ter dito aquilo. O restante da viagem transcorreu em silêncio. Desta vez, ele não fez nenhuma pergunta.

Pegou um CD e colocou uma música, com o volume bem baixo. A canção

invadiu o interior do carro e quebrou o gelo. Fora uma boa ideia. A música era bonita — um coro quase angelical — e fez Ester relaxar. A estrada era reta, a noite estava escura.

Quando Davi percebeu, Ester dormia. Ela sonhou.

No sonho, o carro estava parado à beira da estrada, estacionado. Davi encontrava-se fora do veículo, de costas para ela, olhando para o céu. A música angelical não tocava mais, e um profundo arrependimento tomou conta dela. Não devia ter dito aquilo.

Ester saiu do carro e caminhou lentamente em sua direção. A estrada era quase completamente negra, tomada por sombras.

Uma reta que parecia infinita. Ele não se moveu. Permaneceu ali, indiferente à aproximação dela, contemplando um céu belo e estranho. Um céu que não parecia deste mundo: vermelho como um crepúsculo permanente, dominado por

uma lua cheia enorme, e, ao redor,
apenas um arbusto seco. Era como se ele
desejasse aquele céu.

Passo a passo, ela chegou até ele. A voz
de Ester sussurrou:

— Davi...

Um solavanco mais forte no carro a
despertou. Estavam agora em frente ao
prédio dela, no bairro de Fátima.

Fora apenas um sonho — mas o
arrependimento era real.

Você dormiu, Ester. Eu a trouxe até em
casa. Desculpe se estraguei seu
compromisso.

Não, foi ótimo. Não havia encontro
nenhum.

Ela abriu a porta, mas não saiu do carro.
Olhou para Davi. Ele agora parecia bem.
Foi uma viagem longa, você deve estar
cansado. Suba um pouco, tome um café.
Quer conhecer minha filha?

Ester percebeu novamente aquele sorriso
nele

um sorriso que nunca havia visto na agência.

Você não sabia que eu tenho uma filha?

Eu sabia.

Então venha conhecê-la.

Ele saiu do carro, e os dois subiram até o apartamento em silêncio. Ester acordou Flavinha e foi preparar o café. A menina apareceu usando um pijama de bichinhos e olhou curiosa para o homem; parecia alguém importante.

— Flávia, este é o senhor Davi, meu chefe lá da agência — disse Ester, da cozinha.

A menina se espreguiçou. Davi pensou que ela devia ter no máximo quatro anos e era a cara da mãe.

Minha mãe é importante lá no trabalho?

Ela perguntou apontando o dedo para Davi.

Muito importante. A segunda pessoa mais importante.

E quem é a primeira?

Adivinha.

Flávia jogou a cabeça para trás, deu uma risada e apontou para Davi.

É você!

Quando Ester entrou na sala com o café, viu Flavinha sorrindo para Davi. Gostou do que viu.

— Está na hora de minha garotinha voltar para a cama — disse Ester, com carinho. Flávia deu um beijo na bochecha de Davi, depois um beijo na mãe, e foi para o quarto. Aquilo surpreendeu Ester. Agora, mais do que nunca, sentia-se à vontade com ele.

— Eu geralmente não faço café... acho que coloquei açúcar demais.

— Ela lhe entregou uma xícara. Davi provou.

— Este caldo de cana está ótimo. Os dois riram.

Ele tomou o café. Em nenhum momento Ester se sentiu constrangida por estar ali sozinha com ele depois que a filha foi dormir. Ele bebia em silêncio, e ainda assim ela percebia que sabia deixar uma

mulher à vontade. Às vezes, achava que Michel falava demais.

Obrigado, Ester. Sua filha é linda, como a mãe. Eu já vou.

O elogio a desconcertou. Ela o acompanhou até a porta, mas não conseguiu falar — não conseguiu se desculpar pelo apelido. Davi apertou a mão dela e foi embora.

Assim que Davi saiu, começou a chover. Ester já sabia. Tinha ouvido a previsão do tempo: seria um fim de semana chuvoso.

Havia um recado em sua secretária eletrônica. Era de Michel:

— Boa noite, amor. Não gosto de ficar sem você na sexta-feira à noite. E nem em noite nenhuma. Quando chegar, me ligue.

Ester sorriu ao ouvir o recado. Ligou para o agora noivo.

Como vai, amor?

Tudo ótimo. E você? Como foi com o Davi?

Surpreendentemente agradável.

Eu tinha certeza disso.

Ela se surpreendeu com a resposta.

Por que diz isso?

Um funcionário do cartório onde o contrato social foi registrado me ligou para avisar que alguém havia solicitado uma cópia do documento. Ele também deu essa informação ao Davi.

Ester ficou muda. Michel continuou:

Foi pouco antes de ele levar você junto a um possível cliente. Depois disso, como você mesma disse, ele foi surpreendentemente agradável. Isso reforça minha convicção de que ele já sabe que você é a nova dona da empresa. Certamente vai tentar cativá-la agora. Quem sabe até se mostrar apaixonado por você?

Ester permaneceu em silêncio.

Você contou a ele que nós somos noivos?

Não disse nada. Esse é um assunto pessoal meu. Ele ficará sabendo do meu futuro marido na segunda-feira, no escritório. O que pretendo fazer, na verdade, é mostrar a ele, na segunda-feira, quem manda agora na agência.

Na segunda-feira, bem cedo, Ester afixou um comunicado no quadro de avisos da agência. Celso se aproximou dela e lhe deu um abraço nada formal, seguido de parabéns entusiasmados. Era o gênio da informática do escritório: magro, meio tímido, como todo programador de computador parecia ser. Era ele o responsável por transformar todas as ideias da agência de marketing em imagens na tela.

Seus cabelos castanhos, sempre desarrumados, baixaram junto com o rosto em direção a Ester, num gesto que parecia de aprovação ao casamento. Lídia, loira, gordinha e muito bonita, sentada à sua mesa, bateu palmas e

apontou para Ester. Lídia era uma máquina perfeita de trabalho. Disputara com Ester uma vaga na agência e certamente teria vencido, mas, na última hora, Michel atendera a um pedido de Romano e decidira contratar as duas.

— Isso merece uma comemoração! — gritou Lídia, fazendo questão de que todos ouvissem. — Hoje vai rolar uma festa depois do trabalho!

— É isso aí! Hoje vai rolar uma festa de despedida de solteiro... ou solteira! — alguém completou.

Wanessa, a nova gerente de criação, também estava ali. Abraçou Ester com entusiasmo. A bela mulher de cabelos ruivos escuros, corpo escultural e sardas que lhe haviam rendido o apelido de *Pimentinha*, exibia um sorriso enorme.

— Ester agora é esposa do sócio... vai ser nossa chefe! — disse, em tom brincalhão. O clima lembrava mais um feriado do que uma segunda-feira comum. E, se não fosse

pelo senhor Davi Romano, praticamente seria um dia inteiro de festa na Agência Mais Criativa. Do lado de fora, a chuva ainda caía forte.

Davi chegou mais tarde naquele dia. A agência já comemorava o noivado de Ester.

— Bom dia, senhor Davi —
cumprimentou Ester.

— Já pedi para não me chamar assim —
respondeu ele.

Ela sorriu, um pouco sem graça.

Bom dia, Davi.

Bom dia, Ester. Do que se trata esta festa? Está no quadro de avisos. Eu e Michel formalizamos nosso noivado.

Por um segundo, ele se calou, como se estivesse absorvendo a novidade. Em seguida, esboçou aquele pequeno sorriso de aprovação antes de entrar em sua sala. Pediu que Ester o acompanhasse. Ela ajeitou o vestido e foi com ele.

Davi entrou, caminhou até a janela e ficou de costas para ela, observando a paisagem.

Permaneceu assim por alguns segundos. Então se virou para Ester e falou com a voz mais natural do mundo. Era evidente que não estava bem; ela sentiu.

Agora que você faz realmente parte da família desta empresa, acho que vou perder a minha secretária. Michel está de parabéns.

Desejo toda a sorte do mundo aos dois. Ele sorriu novamente. Era um sorriso triste. Continuou:

— Ester, vou sair mais cedo hoje. Agora mesmo. Não volto mais hoje.

Apontou para o cofre ao lado da mesa e prosseguiu:

— Deixei um documento importante no cofre da empresa. Não quero que ninguém mexa lá até a minha volta.

(Será uma cópia do contrato social? Não preciso mais. Tenho um na bolsa), pensou Ester. Ela suspirou. Mal teve tempo de

responder um “sim” quando Davi já havia saído da sala. (*Parece que nossa conversa sobre a empresa ficará para amanhã.*)

Por hábito, Ester se aproximou da mesa de Davi para organizá-la, como sempre fazia. Ali, bem no centro da mesa, leu por acaso uma anotação escrita por ele:

“Mais uma mancha negra na família.”

Ester ficou ali, olhando para a frase escrita em um papel em branco. Era a única anotação em toda a mesa.

“Agora você faz parte da família.”

Ela se lembrou.

“Mais uma mancha negra na família.”

Pensou em Michel, na última briga que ele tivera com Davi. Teria ele sido ofendido com palavras racistas? Lá estava escrito: “*mais uma mancha negra na família*”. Teria sido Michel a primeira mancha? E ela, uma mulher negra, a segunda?

Um sentimento de indignação começou a crescer. Aquele sorriso estranho de Davi. Ela olhou a anotação novamente.

“Uma mancha negra na família.”

Lembrou-se do que ele dissera pouco antes:

“Você agora faz parte da família.”

Seria uma agressão direta a ela? Uma ofensa racista deixada propositalmente sobre a mesa, como punição por ter escondido o relacionamento com Michel? Ou apenas um comentário racista, escrito num momento de raiva por ela ter assumido o noivado com o sócio e competidor?

Pensou em Flavinha. Sentiu medo. Medo por ela, por tudo o que ainda teria de enfrentar ao longo da vida por causa de gente como ele.

Ester saiu da sala à procura de Davi. Precisava esclarecer aquilo. Não levaria aquela dúvida para o túmulo. Já não era mais a criança assustada daquele dia terrível.

Abordou o primeiro funcionário que encontrou:

— O senhor Davi já saiu?

— Não. Ele está na cozinha.

Ester foi até a porta da cozinha e aguardou. Assim que Davi saiu, ela pediu, com a educação e a gentileza que sempre usara no trabalho, que ele fosse por um instante até sua sala. Era um assunto importante.

Ele foi à frente, ela atrás. Davi entrou na sala e sentou-se em sua cadeira com absoluta tranquilidade — a mesma calma com que havia dispensado chefes de família que trabalharam durante anos com lealdade ao pai.

Ester sentou-se em frente à mesa, como sempre fizera. Por um instante, hesitou. Estaria fazendo a coisa certa? E se não fosse nada disso? E se ele não tivesse a intenção de ofendê-la? E se não soubesse do contrato social?

Ainda assim, decidiu seguir adiante. Precisava ouvir o que ele diria.

Falou com firmeza, mas pausadamente. Não queria ser agressiva, embora tudo lhe parecesse profundamente constrangedor.

Havia algo em Davi que ainda lhe despertava certa consideração.

Tenho um documento para lhe mostrar. Acho justo que o senhor saiba antes dos outros.

Ester retirou da bolsa uma cópia da alteração contratual e a colocou sobre a mesa.

O senhor sabia disso? Manteve o tom respeitoso.

Posso garantir que o documento é legítimo. Foi devidamente registrado na Junta Comercial por seu pai. Tomei conhecimento há pouco. Parece que era o desejo dele. Minha assinatura consta porque assinei um documento em branco no hospital.

Davi pegou o papel e leu por alguns minutos. Ao terminar, ficou olhando

para o nada. Ester não soube dizer se ele estava surpreso.

Ele se levantou, virou-se de costas para ela e foi até a janela.

O senhor sequer consta no contrato social. O senhor sabia ou não?

Sempre soube.

A resposta foi imediata. Ele não vacilou.

Ester sentiu uma pontada de decepção, mas precisava continuar.

O senhor me parabenizou hoje, disse que eu fazia parte da família da empresa.

Logo depois, encontrei uma anotação sua falando

em “mancha negra na família”. Senhor Davi... o senhor é racista?

Ele se virou. Tinha novamente aquele sorriso estranho.

Desde que te conheci.

A resposta veio tão rápida quanto a anterior. Ester não se sentiu magoada. Se aquilo era uma tentativa de insulto, falhara. A palavra dele já não tinha valor algum.

Agora, falou com autoridade:

De todos os crimes que o senhor cometeu
apropriação indébita, falsidade
ideológica, entre outros — o racismo é
considerado crime inafiançável e
imprescritível. E pensar que apresentei
minha filha a um canalha como você.
Unicamente em consideração a seu pai,
vou permitir que recolha seus pertences e
saia daqui em dez minutos. Não volte
mais. Caso contrário, chamarei a polícia.
Está entendido? Davi a encarou
fixamente. Não parecia minimamente
abalado.

Vou sair como pretendia quando você
me chamou para conversar. Depois do
expediente, volto para retirar meus
pertences. Ester respondeu, seca:
Entendo. Além de tudo, o senhor é um
covarde. Tem medo de encarar aqueles
que, na verdade, nunca foram seus
funcionários e que sempre tratou com
desprezo e arrogância. Eles certamente
— e não sem motivo — vão comemorar o

seu fim tão merecido. Não consigo entender como seu pai teve um filho tão desprezível. Um homem que não vale nada.

Por um momento, Davi permaneceu em silêncio. Ao chegar à porta, virou-se para Ester. O rosto estava tranquilo, quase sereno.

Obrigado por tudo. Adeus, Ester.

Capítulo 5

Ester percebeu. Um silêncio tomou conta da festa na agência enquanto ela falava com Davi

e permaneceu enquanto ele se retirava.

Assim que Davi saiu, a comemoração explodiu.

Ainda assim, Ester não se sentia bem. No fundo, achava que nada daquilo fora correto com Davi, mas foi assim que Romano quisera. Pouco a pouco, esse sentimento ficou para trás. Os parabéns pelo casamento passaram a se misturar aos parabéns por ela ser a nova dona da

empresa. Michel contou a todos assim que Davi foi embora. Por que não? A surpreendente notícia foi recebida com muita alegria por quase todos — menos por duas funcionárias.

Wanessa pediu para falar a sós com Ester. Maria acompanhou o encontro.

Ester, foi Davi quem nos contratou.

Desculpe se a pergunta é inconveniente, mas fiquei sabendo agora, pelo Celso, que Joice foi contratada como gerente de criação. Se eu for perder meu emprego, gostaria de saber o quanto antes.

Wanessa foi direta. Maria permaneceu em silêncio, ainda mais miúda do que de costume, o semblante fechado.

Ester ainda não havia pensado sobre aquilo. Pretendia conversar com Michel, mas

precisava ser realista. Wanessa não tinha currículo nem experiência compatíveis com o cargo que ocupava. Quanto a Maria, naquele momento, Ester simplesmente não sabia o que fazer.

Davi volta hoje, depois do expediente, para pegar suas coisas, Wanessa. Converse com ele. Acredito que vá abrir uma nova agência. Sinceramente, com a contratação de Joice, não vejo muita chance de você continuar aqui.